

## RESENHA

### *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*

Eduardo Ferronato\*

O livro *Em busca de sentido – Um psicólogo no campo de concentração*, de Viktor Frankl, publicado pela Editora Sinodal e coeditado pela Editora Vozes, em 2008, descreve a experiência pela qual o autor passou como prisioneiro por longo tempo em campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, e como esta experiência o levou a descoberta da Logoterapia. Com exceção de sua irmã, pai, mãe, irmão e sua esposa morreram em campos de concentração. Após ter perdido tudo e sofrer fome, frio, maus tratos, não sabendo se no dia seguinte estaria vivo ou morto, conseguiu ainda assim extrair algo da vida que o fez prosseguir.

Na primeira parte do livro, Viktor Frankl narra a sua deportação através dos vagões de um trem junto com centenas de prisioneiros, sua chegada ao campo de concentração de Auschwitz, passando pela primeira seleção, a perda de todos os seus pertences e o impacto psicológico do que restou: a existência nua e crua. São suas palavras: “Enquanto ainda esperamos pelo chuveiro, experimentando integralmente a nudez: agora nada mais temos senão este nosso corpo nu (sem os cabelos). Nada possuímos a não ser literalmente, nossa existência nua e crua” (p. 29). Numa situação em que não havia saída, com o perigo de morte rondando, era natural que se pensasse em suicídio e Frankl vai falar da sua promessa de não cometer o ato desesperador contra si mesmo, embora fosse assistir a muitos suicídios de companheiros que se jogavam contra o fio de alta tensão pondo fim aos próprios sofrimentos.

Da vida dura dentro do campo de concentração, Frankl descreve as longas jornadas de trabalho forçado, sob temperaturas de até vinte graus negativos, pouca comida, maus tratos que ele e seus companheiros sofriam dos “capôs”, o convívio com as doenças mostrando como na maioria dos prisioneiros preponderavam, sob aquelas condições, os instintos primitivos e a necessidade de se concentrar somente na preservação da vida que estava constantemente ameaçada. “Assim, constatava-se a ausência de sentimentos por parte dos prisioneiros sendo ‘um dos reflexos da desvalorização de tudo que não serve ao interesse mais primitivo da preservação da vida’” (p. 51). Como não eram mais chamados pelos próprios

---

\* Acadêmico do Curso de Filosofia da Universidade de Passo Fundo/RS. E-mail: eduferronato@hotmail.com

nomes e sim identificados por um número e pertencentes a uma lista. No transporte dos doentes até o destino, a lista tinha que conferir, mesmo que algum prisioneiro chegasse morto no destino. Além de se perder a sensação de ser um sujeito humano, a pessoa dentro do campo de concentração se tornava um objeto e juguete do destino. Dentro da vida imposta e difícil do campo de concentração, com a incerteza de sobreviver ao dia seguinte, como perguntar sobre a liberdade? Mas Viktor Frankl vai fazer a pergunta: “Onde fica a liberdade humana?”

A sua resposta não é fruto de uma teoria, mas sim da experiência de vida naquele campo e através de exemplos de outros homens que mostraram ser possível superar a apatia a tristeza e a irritação e agir através de um resquício de liberdade última. Diz ele: “E mesmo que tenham sido poucos, não deixou de constituir prova de que no campo de concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas.” (p. 88). Vai dizer que o homem é portador de sua característica mais intrínseca que é a sua liberdade. E que mesmo sob as condições mais difíceis ele pode decidir no que ele se tornará, em sentido espiritual, num prisioneiro ou numa pessoa, num ser humano que conserva a sua dignidade. Para Frankl, muitos homens com os quais conviveu provaram que mesmo sob o sofrimento há uma conquista interior. Para ele esta conquista é a liberdade espiritual do ser humano que não pode lhe ser tirada, e é ela que vai permitir ao homem “configurar sua vida de modo que tenha sentido.” (p. 89). Então, não se encontra o sentido da vida somente no gozo, na busca dos prazeres imediatos e no belo, mas há sentido também no sofrimento.

Diante disto, este notável homem, vai nos dizer que a pessoa pode dar sentido a sua existência através do modo como assume o seu destino. Esta é uma proposta da mais alta importância que poucos conseguem, mas que a pessoa pode ser mais forte que o seu destino. Partindo do sofrimento a pessoa pode tomar a decisão de transformar sua vida numa realização interior de valores. Não deixando de reconhecer as dificuldades daquela vida fazendo com que muitos desistissem de viver, de que tudo estava perdido e que não valia mais a pena lutar, ele vai dizer que é possível uma pessoa crescer interiormente para além de si, apesar de uma situação exterior difícil. Diz ele na página 96: “Essas pessoas estão se esquecendo que, muitas vezes, é justamente uma situação exterior extremamente difícil que dá a pessoa a oportunidade de crescer interiormente para além de si mesma”.

Então, para aqueles que não tinham mais porque viver, que haviam perdido o sentido das suas existências e que não tinham mais o que esperar da vida, Viktor Frankl vai sugerir que se inverta a colocação da pergunta pelo sentido da vida. Assim escreve: “Precisamos

aprender e também ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós” (p. 101). Pede que deixemos de perguntar qual o sentido da vida e que ouçamos as perguntas que a vida nos faz. Diz que devemos responder a estas perguntas através da ação e de uma conduta correta que o momento está a exigir de nós. Reconhece que o sentido da existência difere de uma pessoa para outra e que nenhum ser humano pode ser comparado a outro. Por isso, “Quando um homem descobre que seu destino lhe reservou um sofrimento, tem que ver nesse sofrimento também uma tarefa sua única e original” (p. 102). Assim, há um sentido no sofrimento e na morte e a cada um cabe descobrir qual é este sentido, e que a vida está repleta de oportunidades para dotá-la de sentido.

Na segunda parte do livro, o autor aborda os conceitos fundamentais da Logoterapia. Reconhecendo a tarefa difícil de transmitir ao leitor toda a Logoterapia num espaço tão pequeno como as poucas páginas de um livro, começa diferenciando a Logoterapia da psicanálise, como sendo menos retrospectiva e menos introspectiva que a escola fundada por Freud. A Logoterapia concentra-se mais no futuro, segundo ele, e nos sentidos a serem realizados pelo paciente em seu futuro, e é uma terapia centrada no sentido. Tirar a pessoa “do foco de atenção de todas aquelas formações tipo círculo vicioso e mecanismos retroalimentadores que desempenham papel tão importante na criação das neuroses” (p. 124) é objetivo da Logoterapia. O objetivo é tirar o paciente do auto centrismo, condição própria do neurótico, confrontando com o sentido da sua vida e reorientando para o mesmo. A Logoterapia quer concentra-se neste sentido da existência humana e incentivar a pessoa na busca por esse sentido, porque para ela “a busca de sentido na vida é a principal força motivadora do ser humano” (p. 124).

Viktor Frankl vai falar de uma *vontade de sentido*, que contrasta com o princípio do prazer da psicanálise freudiana e com a vontade de poder da psicologia adleriana. Sendo a busca de sentido a principal tarefa da pessoa, esse sentido é exclusivo e específico para cada pessoa considerada individualmente e só pode ser cumprido por ela. Esse sentido assume a importância que vai satisfazer a sua própria vontade de sentido. Amparado em pesquisas na França e nos Estados Unidos, que demonstram mais de 70% das pessoas tem como objetivo na vida encontrar um sentido e um propósito para a própria vida, o autor vai comprovando sua teoria.

A vontade de sentido pode ser frustrada. A frustração existencial pode ser resultado de neuroses noogênicas, que não tem causa na dimensão psicológica, mas sim na “dimensão

“noológica” (do termo grego *noos* que significa “mente”) da existência humana” (p. 126). Este conceito para ele é algo “pertinente à dimensão especificamente humana” (p. 126). Assim, o sofrimento pode vir de uma frustração existencial e não de uma patologia. Assim, a pessoa questionar-se sobre se sua vida vale a pena ser vivida, ela está sofrendo de uma *angústia existencial* e não de uma *doença mental* que necessita de drogas. Este posicionamento de Frankl é muito atual, considerando o grande número de pacientes que aportam aos consultórios acometidos de angústia existencial e que recebem como tratamento este o aquele medicamento.

Assim, Frankl considera a missão da Logoterapia ajudar a pessoa e encontrar o sentido da sua vida, conscientizando-a do *logos* oculto de sua existência fazendo isto através de um processo analítico. Por isso ele afirma que a Logoterapia divergindo da psicanálise procura ajudar o ser humano a encontrar o sentido e a realiza-lo, e não a “mera gratificação e satisfação dos impulsos e instintos” (p. 128), como quer a terapia freudiana. Uma proposta dessas, segundo ele, é geradora de tensão, o que seria saudável, pois o homem não pode viver num estado livre de tensões, mas precisa desta busca por um objetivo que valha a pena e que foi escolhida de forma livre.

O vazio existencial é comprovadamente um fenômeno do nosso século. A fragilidade ou a quebra das tradições, num mundo em transformação, não conseguem mais orientar o comportamento do indivíduo como faziam antigamente. Além dos que não sabem o que fazer, muitos apenas fazem os que os outros fazem, num conformismo crescente, e ainda outros acabam fazendo o que algumas pessoas querem que eles façam, caindo no totalitarismo. Assim, o vazio existencial está presente em forma de angústia e tédio em muitos momentos na vida do homem moderno. Assim, Frankl vai propor que não importa tanto o sentido da vida de um modo geral, “mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento” (p. 132). Qual o sentido da minha vida neste momento? Todos temos uma tarefa ou missão a realizar que só pode ser feita por nós mesmos e por mais ninguém. Cada pessoa é questionada pela própria vida e cada pessoa deve responder por sua própria vida sendo responsável, propõe Frankl. Para ele “a Logoterapia vê na responsabilidade a essência propriamente dita da existência humana” (p. 134).

Dentro desta noção de responsabilidade cabe ao paciente criar uma consciência pela própria vida. Tratando-se de uma questão individual, terá que decidir se ele mesmo é responsável por interpretar a tarefa de sua vida com sendo perante a sociedade ou perante a sua própria consciência. Nesse sentido, Frankl assevera que o homem deve encontrar o

verdadeiro sentido da sua vida “no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado” (p. 134). Isto para ele tem um caráter transcendental. Mais adiante, o autor propõe que o sentido da vida pode ser descoberto, de acordo com a Logoterapia, através de: “1. Criando um trabalho ou praticando um ato; 2. Experimentando algo ou encontrando alguém; 3. Pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável” (p. 135). Cabe ressaltar neste último ponto que embora o autor considere que a pessoa possa encontrar um sentido no sofrimento, ele afirma “que o sofrimento não é de modo algum necessário para encontrar sentido” (p. 138).

Defensor de uma psiquiatria humanizada, Viktor Frankl diz que, ao invés de olhar o paciente como uma máquina danificada, deve-se enxergar o ser humano que está por trás da doença. A pessoa não é uma coisa e sim alguém que se determina a si mesmo.

Por fim, a terceira e última parte do seu livro trata da Tese do Otimismo Trágico. Este capítulo baseia-se numa palestra que o autor apresentou no III Congresso Mundial de Logoterapia, na Alemanha, em junho de 1983. O autor inicia afirmando que a pessoa está envolvida em três aspectos da existência humana que são: a dor, a culpa e a morte. Diante disto como conservar o sentido potencial da vida apesar destes aspectos trágicos? Viktor Frankl propõe que existe no homem a capacidade de “transformar criativamente os aspectos negativos da vida em algo positivo ou construtivo” (p. 161). Sugere que devemos transformar o sofrimento numa conquista e numa realização humana; extraindo da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor, e fazer da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis. Ele fala de como ter um otimismo trágico diante das situações mais difíceis e que este otimismo não pode ser fruto de uma ordem ou determinação de fora, que venha do exterior. Acompanhando esta ideia para ele a felicidade não pode ser buscada. Ela deve existir por uma razão e que o homem deve buscar a razão para ser feliz.

Abordando novamente a questão do sentido, Frankl diz que ao encontrar o sentido o homem atinge a felicidade o que lhe dá a capacidade de enfrentar o sofrimento. No caso de não encontrar este sentido o resultado pode ser fatal, ou seja, a morte. E vai fazer uma reflexão sobre o uso de drogas e a falta de sentido na vida do indivíduo. O vazio existencial que acomete milhares de pessoas tem relação direta com o uso de álcool e outras drogas, o que faz muitos pensar que se deve a questão econômica, desemprego e outras, mas que é preciso lembrar que muitos têm o suficiente com o que viver, mas não tem o porquê viver. Embora a falta de sentido, o vazio existencial, para ele não seja patológico, este sentimento pode causar doenças.

Vítor Frankl encerra seu livro fazendo uma crítica ao “pandeterminismo”, doutrina que concebe o homem como alguém que não tem liberdade e que estaria sujeito às condições do meio. Para Frankl o homem é agente do seu destino é autodeterminante. Diz ele na sua crítica ao pandeterminismo: “Refiro-me à visão do ser humano que descarta sua capacidade de tomar uma posição frente a condicionantes, quaisquer que sejam. O ser humano não é completamente condicionado e determinado; ele mesmo determina se cede aos condicionamentos ou se lhes resiste” (p. 153). A Logoterapia de Frankl é portadora de uma mensagem de esperança e otimismo na medida em que mostra que o homem tem a capacidade de se elevar acima das condições difíceis de uma existência mudando a si mesmo e ao mundo.